

O afrofuturismo na adaptação sequencial de *Kindred* (2017)

Carlos Eduardo de **ARAUJO PLACIDO***
Nataniel dos **SANTOS GOMES****

*Doutor em Estudos Linguísticos e Literários em Língua Inglesa pela Universidade de São Paulo (2015). Professor Doutor Adjunto II_UFMS. Contato: carlos.placido@ufms.br

**Doutor em Linguística pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (2007). Professor Doutor Nível V_UEMS. Contato: nataniel@uems.br

RESUMO

A adaptação sequencial *Kindred* (2017) narra as experiências e vivências da protagonista, Dana, frente à escravidão e ao racismo, durante as suas diversas viagens no tempo à Maryland do século XIX, nos Estados Unidos da América. Esta história em quadrinhos é uma adaptação do romance afrofuturístico epônimo da escritora estadunidense Octavia E. Butler de 1979, pelas mãos dos cartunistas Damian Duffy e John Jennings. Por meio das representações interseccionais entre gênero, poder e raça, eles ilustram mais vividamente as violências enfrentadas por Dana em uma plantação do antigo Antebellum. Desta forma, os objetivos desta pesquisa foram identificar os principais elementos afrofuturísticos aplicados na adaptação e verificar como os recursos sequenciais foram utilizados tanto para intensificar a experiência leitora, quanto para promover uma adaptação mais fidedigna (Cartmell, 1999). Por intermédio da metodologia desconstrutivista (Derrida, 2010; Evans, 2020), identificamos um revisionismo profundo sobre as relações entre gênero, poder e raça. Por conseguinte, este revisionismo resultou em uma pletera de representações sequenciais acerca das reinterpretações, reconstruções e reconciliações históricas. Os cartunistas não sugerem esquecer o passado, mas compreendê-lo como uma entidade hodierna.

Palavras-chave: afrofuturismo; histórias em quadrinhos; *Kindred* (2017).

O afrofuturismo na adaptação sequencial de *Kindred* (2017)¹

Carlos Eduardo de Araujo Placido
Nataniel dos Santos Gomes

INTRODUÇÃO

A adaptação sequencial *Kindred*, pelos cartunistas Damian Duffy e John Jennings (2017), é baseada diretamente no romance afrofuturístico *Kindred*, da escritora estadunidense Octavia E. Butler (1979). A trama narra as experiências de viagem no tempo da protagonista, Dana, ao período escravagista do início do século XIX em Maryland, nos Estados Unidos da América. Esta narrativa é contada por Dana em primeira pessoa. Durante as suas várias viagens, ela se depara com vários dos seus ancestrais em posição de escravos.

Os temas mais recorrentes são gênero, poder e racismo em meio à inovação afrofuturística. Embora a narrativa de *Kindred* (2017) lide com temas tão relevantes para se compreender melhor a nossa contemporaneidade, há ainda muito poucas pesquisas acadêmicas sobre o romance (Astrada, 2017; Donaldson, 2014; Wiggs, 2021) e, muito menos, sobre a adaptação sequencial em relação à configuração desses temas por intermédio visual. O afrofuturismo apresenta elementos tanto conteudísticos quanto estruturais acerca da ficção científica.

Desta forma, este artigo científico teve como objetivos investigar a interseccionalidade entre gênero, poder e raça pelo viés da narrativa afrofuturística e dos recursos sequenciais. Sendo assim, decidimos sugerir um recorte epistemológico sobre as principais características do afrofuturismo. Subsequentemente, propomos uma análise sequencial da adaptação de *Kindred* (2017) e tecemos, então, algumas considerações finais.

AFROFUTURISMO: CONCEITOS E CARACTERÍSTICAS

O conceito filosófico "Africanfuturism" se relaciona a um movimento heurístico muito mais amplo do que as narrativas sequenciais podem abarcar em sua composição epistemológica. O movimento afrofuturista se refere a uma abordagem sócio-histórica e cultural divergente às mazelas ligadas à afrodescendência tão divulgadas e, muitas vezes, impostas por perspectivas eurocêntricas sobre a africanidade. Por este viés, os pensadores afrofuturistas reimaginam a africanidade através de lentes bem mais criativas, expressivas e justas, ou seja, propõe uma visão da subjetividade negra bem mais equalitária, e livre. Dentre as suas principais características, o afrofuturismo apresenta culturalmente: alteridade, reclamação e revisionismo.

Em 1994 Mark Dery cunhou o termo afrofuturismo a partir de uma análise da cena cultural-literária dos Estados Unidos com base em entrevistas que o crítico fez com três artistas e intelectuais negros, Greg Tate, Tricia Rose e Samuel R. Delany, em que se

¹ Revisado por: Deborah Covre Simão Martim.

questiona a ausência de autores afro-americanos na ficção científica. O termo busca descrever as criações artísticas que, por meio da ficção científica, inventam outros futuros para as populações negras. Embora a origem do afrofuturismo se situe no campo da produção literária, a mencionada entrevista, em que Dery aponta também para a produção literária de escritores como Samuel R. Delany e Octavia Butler, acabou estendendo o movimento também ao campo do cinema, da fotografia e das artes visuais, bem como ao campo musical (Burocco, 2019, p. 50).

O termo apresenta possibilidades de vivências negras em realidades que não são marcadas, muitas vezes, pelo racismo, funcionando como crítica à realidade opressora da branquitude ocidental. Assim, o conceito responde à perplexidade causada pela falta de ficção científica negra nos Estados Unidos da América e como ela era utilizada contra essa própria comunidade. Há vários grandes exemplos deste tipo de narrativa em nossa contemporaneidade tais como *Infinitum: An Afrofuturist Tale* de Tim Fielder (2021), sobre reis africanos e as suas diversas batalhas espaciais ou *Far Sector* da autora N.K. Jemisin (2021), sobre a primeira mulher negra a se tornar membro da Tropa intergaláctica dos Lanternas Verdes. Entretanto, a história em quadrinhos afrofuturística mais famosa deva ser *Pantera Negra* (2016), sobre T'Challa, rei de Wakanda, que seria uma região com tecnologias avançadas e completamente escondida do resto do planeta Terra, mas, estrategicamente localizada no continente africano.

A alteridade cultural abarca dois tipos de abordagens: a essencialista e a não essencialista. De acordo com Hofstede (2007), a abordagem essencialista compreende a cultura por meio de unidades ontológicas menores, sendo cada unidade separada das restantes. Por conseguinte, cada cultura apresenta as suas próprias características e, desse modo, ela pode ser estudada e investigada separadamente. Os integrantes dessa cultura se identificam por meio dessas características elementares que se perpetuam de geração a geração, continuamente. Ademais, essas culturas são independentes e não possuem relações inter e/ou transdisciplinares com outras culturas. O Afrofuturismo tenta desconstruir essa estrutura hierárquica cultural e promover novas reflexões (Derrida, 2010). Deste modo, um texto afrofuturista pode apresentar tanto um trabalho de apropriação quanto de niilização.

Por sua vez, a abordagem não essencialista da cultura vem desafiando cada vez mais a abordagem essencialista. Para Hofstede (2007), tratar a cultura como um tipo de entidade separada das demais é ter uma compreensão sobre o conceito de cultura extremamente restritivo e ultrapassado. Sendo assim, os não essencialistas entendem a cultura como um processo fragmentado e mutável, que pode assumir uma pletera de facetas frente às diversas interações possíveis de uma cultura com outra, ou outras. Em outras palavras, os não essencialistas veem a cultura pelo seu eterno devir semântico, dependendo constantemente de cada contexto interacional frente à alteridade posta.

Sob esse espectro, a conceitualização do termo “alteridade” se faz mais claro e substancial. Segundo Said (2010), alteridade engloba as diversas descrições possíveis acerca de uma pessoa ou de um povo considerados “culturalmente diferentes”. Desta maneira, a compreensão identitária, sob o viés pós-colonial, desvela as hierarquias de poder e processos de construção identitária, muitas vezes, impostos por discursos opressores. Com isso, a alteridade pode apresentar várias características. Dentre elas, destacamos a empatia, a subjetivação e o reconhecimento.

A empatia é a capacidade humana de se identificar com outro sujeito. Quando um cartunista se coloca no lugar do outro, ele pode trazer à tona várias discussões relevantes contra a homofobia, o sexismo e o racismo. Nesse processo empático, diversos sujeitos podem nascer. Em consonância, a oportunização das subjetivações múltiplas, ou seja, os diferentes sujeitos que podem exercer as suas particularidades livremente. Tal liberdade nos oferece novas reflexões sobre os discursos existentes e, até mesmo, novas discussões sobre a própria conceitualização de cultura. Ao

reconhecer a existência dos sujeitos múltiplos, reconhece-se a existência de culturas distintas. Tal reconhecimento ainda permite a prática do respeito mútuo e nos oportuniza novos espaços criativos.

Por conseguinte, a reclamação cultural se refere à recuperação, celebração e, então, preservação das culturas largamente marginalizadas pelos discursos opressores como, por exemplo, o discurso colonialista e o discurso positivista. Conforme Brayboy (2006), a recuperação cultural é um processo extremamente valioso para as comunidades marginalizadas e periféricas. Deste modo, ao recuperarem a sua cultura oprimida, essas comunidades aumentam gradativamente os seus níveis de autoestima, de senso de identidade cultural e as suas perspectivas de resiliência. Uma das formas de se recuperar efetivamente uma cultura oprimida é por meio da reutilização de um dialeto, de uma língua ou, até mesmo, de gírias.

Subsequentemente, a reclamação cultural não deve ser um processo segregador. Para Young (2007), a celebração de uma cultura, muitas vezes, oprimida ou proibida, resulta em uma reflexão mais profunda sobre as próprias questões identitárias daqueles que a reivindicam. É um processo de assimilação, ou seja, ao invés do sujeito separar a sua herança cultural reivindicada da cultura convencional, ele abraça os diferentes mundos. Como resultado, somos apresentados a novas formas de cultura e/ou, pelo menos, culturas híbridas, ou seja, desestabilizações identitárias (Evans, 2020). Neste sentido, o afrofuturismo propõe uma reflexão mais acentuada sobre os conceitos identitários propostos pelo Positivismo. Em outras palavras, um texto afrofuturista deve questionar o status quo das identidades consideradas estagnadas e imutáveis. A negritude não abarca somente o escravismo, mas ela é uma fonte de possibilidades e de novas narrativas a serem contadas.

Neste escopo, a hibridização cultural se associa intrinsecamente à composição ontológica na reclamação cultural. Segundo Simmel (2010), a hibridização cultural desvela semanticamente as mais diversas redes de relações e os mais diversos interstícios das experiências humanas, que provocam novas atuações artísticas e novas produções de sentido. Ainda segundo Simmel (2010), não existem processos de significação puros, ou seja, originais. Toda cultura é uma amálgama de uma série de escambos semânticos que ocorrem de tempos em tempos. Nesta perspectiva, a reclamação cultural eleva a autoestima do sujeito, pois lhe concede a habilidade de recriar a sua própria cultura. Ademais, ela também lhe concede a chance de ressignificar o seu senso identitário. Neste caso, o sujeito pode abraçar tanto o passado quanto o presente, mas, mormente, propor um novo futuro identitário.

Neste futuro identitário, o sujeito pode praticar a resiliência da sua nova cultura. De acordo com Folke (2010), a resiliência cultural pode ser compreendida como a capacidade de um sistema na absorção das influências externas a este sistema. Em outras palavras, seria a capacidade que cada sujeito tem de não se deixar influenciar por pressões externas. Em contraponto, Thomas (2017) acredita que tal conceitualização sobre resiliência é bem ultrapassada. Atualmente, resiliências seria menos o retorno ao passado e mais um passo para o futuro. Nesta esteira, ela deve ser melhor entendida pelas possíveis formas de adaptação e transformação, retomando assim o conceito de hibridização cultural (Simmil, 2010).

Em consonância, a reclamação cultural para Thomas (2017) seria a capacidade que cada sujeito teria de sobreviver às adversidades, lidar com as mudanças e, principalmente, desenvolver-se a partir dessas adversidades e mudanças impostas pela vida. As perturbações devem ser compreendidas como sinônimos das adversidades e das mudanças. Nesta perspectiva, Thomas (2017) também defende que uma das características mais recorrentes da reclamação cultural é a multiplicidade de vozes, ou seja, a diversidade de discursos. Em um mundo multicultural, o sujeito teria o direito de se expressar criativamente ao seu bel-prazer. Tal liberdade nos oportunizaria novas formas de criações artísticas, beneficiando assim diálogos mais multifacetados e profundos.

O revisionismo pode ser compreendido como um processo historiográfico de reinterpretação de uma determinada situação sócio-histórico-cultural. Sendo assim, segundo Goddard (2018), devemos determinar que tipo de revisionismo estamos tratando. No nosso caso específico, é o revisionismo histórico. Ele vem sendo uma ferramenta de análise fundamental para os Estudos Pós-Modernos, pois possibilita aos pesquisadores revisitarem certas passagens históricas para identificarem discursos opressores como, por exemplo, discursos LGBTQIAPN+fóbicos, misóginos e, até mesmo, racistas. Para que isso possa ser consubstanciado, é necessário que esses pesquisadores revisionistas apresentem argumentos e fatos que corroborem com o seu antidiscurso opressor. Nesta perspectiva, o revisionismo histórico abarca três características principais: reinterpretação, reconstrução e reconciliação.

A reinterpretação histórica é uma forma de visitar heurísticamente um determinado evento no passado com o objetivo de identificar fatos. De acordo com Tucker (2008), os fatos podem ser desconhecidos, revisitados ou velados. Os fatos desconhecidos podem ser classificados como acontecimentos que não foram identificados pelos pesquisadores passados. Os fatos revisitados se referem aos acontecimentos tidos como imutáveis, mas, que na verdade, apresentam facetas bem mais complexas em torno do discurso construído. Por sua vez, os fatos velados são aqueles que foram escondidos intencionalmente pelos discursos opressores provindos da elite dominante.

Subsequentemente, a reconstrução histórica está relacionada a uma reabordagem etiológica dos fatos recém-descobertos. Segundo Summers (2015), o processo de reconstrução histórico é fundamental para eliminar estereótipos, injustiças e preconceitos. Nesta perspectiva, a reconstrução histórica pode trazer vários benefícios a grupos que são constantemente prejudicados pelos discursos opressores, na medida em que ela está diretamente ligada aos movimentos pelos direitos humanos. A reconstrução propõe uma nova narrativa que, de um lado, não esconde as mazelas da humanidade e, de outro lado, sinaliza para uma história mais rica e fidedigna/“transposicionais” (Cartmell, 1999).

Por fim, a reconciliação histórica pode ser entendida simultaneamente como uma meta a ser atingida e um processo pelo qual tal meta pode ser atingida. Deste modo, conforme Bloomfield (2003), a reconciliação pode ocorrer em diferentes tipos de contextos e as suas metas principais estão diretamente embasadas na busca, ou seja, na busca pela cura, pela justiça, pelo perdão e pela verdade. Além disso, a reconciliação é uma oportunidade humanística de redesenhar a história pelo que ela realmente foi e não pelo que os discursos opressores nos impuseram. É um grande desafio, mas é um desafio que vale a pena ser enfrentado. Ainda conforme Bloomfield (2003), caso a reconciliação histórica seja atingida, haveria grandes chances da violência do passado não se repetir. A reinterpretação, reconstrução e reconciliação devem ser conceptualizados por intermédio dos discursos foucaultianos (2014). Em outras palavras, elas são construções anônimas e coletivas embasadas em enunciados sócio-histórico-culturais.

Além disso, o afrofuturismo engloba também elementos narrativos provenientes diretamente da ficção científica como, por exemplo, a viagem no tempo, universos paralelos e o *unheimlich* (infamiliar, em português) freudiano. Segundo Stephen Hawking (2015), a viagem no tempo pode ser compreendida como uma visita a um acontecimento preexistente. Embora Hawking (2015) acredite nesse tipo de viagem, ele afirma que ainda precisamos descobrir novas leis da física para corroborar tal crença. Por sua vez, conforme Max Tegmark (2014), os universos paralelos seriam mundos que coexistem lado a lado ou em planos extrafísicos distintos. Por fim, consoante a Sigmund Freud (2020), *unheimlich* se refere ao sentimento de estranheza ligado a um acontecimento conhecido, ou seja, é o assustador presente no familiar.

O AFROFUTURISMO NA ADAPTAÇÃO EM QUADRINHOS DO ROMANCE *KINDRED* (2017)

O romance de ficção científica *Kindred* (1979), de Octavia Butler (1979), relata uma narrativa complexa sobre a escravidão nos Estados Unidos da América. A autora intercala dois grandes momentos históricos estadunidenses. A protagonista Dana vive na Califórnia de 1976, mas é constantemente transportada para o ano de 1800 em Maryland, onde o comércio de escravos ainda era uma realidade embasada, na maioria das vezes, nas leis estaduais. A personagem Dana não é apenas a protagonista, mas ela é também a narradora das suas próprias experiências diegéticas. Neste contexto, ela pode ser classificada como uma narradora autodiegética.

Por sua vez, a adaptação sequencial do romance *Kindred*, feita pelos artistas Damian Duffy e John Jennings (2017), vem sendo considerada uma das adaptações mais “transposicionais” (Cartmell, 1999), ou seja, versões bem próximas das fontes literárias com poucas interferências dos adaptadores, de um romance de ficção científica. Eles conseguem por intermédio dos elementos da arte sequencial ilustrar a poderosa diatribe diegética de Butler (1979) sobre como as ações do passado têm sérias repercussões, muitas vezes, horríveis, em nosso presente. As linhas cinéticas de Duffy e Jennings expõem temas viscerais, na medida em que desvelam uma plethora de conexões entre a história dos negros estadunidenses e seus passados opressores do período sulista de Antebellum, período que antecede a Guerra Civil nos Estados Unidos (1860-1865), conflito marcado pela oposição entre o Sul, que era escravocrata, e Norte, abolicionista.

Ao longo da trama, Dana viaja seis vezes pelo tempo. A sua viagem temporal está conectada diretamente ao personagem antagonista Rufus Weylin. Ele é um ancestral bem distante dela. O personagem Rufus é um proprietário de escravos e sofre diariamente com o alcoolismo. Em um dos seus piores atos, ele estupra e escraviza Alice, uma escrava. Como resultado, ela é forçada frequentemente a ter os bebês dele. Durante as suas viagens no tempo, Rufus tenta também estuprar e escravizar Dana.

A conexão entre Dana e Rufus é extremamente complexa. Toda vez que Dana retorna ao passado, ela o faz porque ele precisa da sua ajuda. Por exemplo, aos cinco anos de idade, ele quase se afoga. Depois, ele coloca fogo nas cortinas do seu próprio quarto. Aos vinte anos, ele entra em uma briga corporal terrível. Embora Dana tente corriqueiramente ajudá-lo, ele começa a ojerizar as suas variadas tentativas. A passagem em que Dana salva o Rufus do afogamento (Figura 01) pode ser compreendida como uma forma de reinterpretção histórica (Tucker, 2008), pois ela subverte o discurso opressor que estabelece o escravo como um ser sem compaixão humanística.

Figura 1 - Afogamento de Rufus



Fonte: *Kindred* (Duffy; Jennings, 2017, p. 13).

Nesta passagem, a protagonista Dana retira o Rufus do rio já inconsciente. Ela então o arrasta cuidadosamente para a beira do rio e tenta ressuscitá-lo. Neste íterim, Tom Weylin, o progenitor do Rufus, chega ao local e, prontamente, ameaça Dana com uma arma. Como resultado, ela se apavora, sentindo tontura, Dana retorna ao seu apartamento de 1976. No bojo dos universos paralelos, há vários silenciamentos. Segundo Foucault (2004), encontramos os três alicerces do discurso opressor racista aqui: o tabu do objeto, aquilo que não se tem o direito de se falar, o ritual da circunstância, que não se pode falar de tudo em qualquer circunstância e o direito privilegiado, que qualquer um não pode falar de qualquer coisa. Não obstante, Dana rompe com esses silenciamentos, ao salvar um garoto branco escravista de se afogar, ao enfrentar o seu pai armado e ao relatar as suas experiências ao seu marido.

A escravidão é um tema central em *Kindred* (2017). Como uma forma de reconstrução histórica (Summers, 2015), os cartunistas Duffy e Jennings conseguem desvelar a grande influência que uma sociedade escravocrata ainda tem sobre os seus cidadãos, mesmo depois de décadas de liberdade. Na figura 02, eles utilizam linhas cinéticas grafitadas para demonstrar o peso que a escravidão tem sobre as pessoas. Cada requadro mostra uma faceta da violência racista. Em uma de suas primeiras viagens temporais ao passado, Dana já é confrontada com as mazelas escravocratas.

Ao tentar se despedir da sua amiga, Dana se vê silenciada mais uma vez, tanto pelos mercadores de escravos, quanto pelos próprios escravos. Tal infamiliaridade (Freud, 2020) é um acontecimento extremamente assustador. Ao ilustrar em cores fortes que os negros não têm direito a fala, Duffy e Jennings (2017) quebram com o discurso eidético de que os escravos eram bem tratados. As imagens expõem claramente o silenciamento em torno do processo desumanizador proveniente da escravidão. Os tons escuros dos pincéis dos cartunistas garantem ainda mais seriedade para os requadros.

A protagonista Dana não está somente silenciada, ela está também aterrorizada com toda cena de tráfico humano (Figura 02). Conforme Foucault (2004), uma forma de exclusão discursiva se dá através de uma falsa perspectiva dialeteísta. Quando supremacistas brancos (Windisch *et al.*, 2018) afirmam que não houve escravidão ou que muitos escravos eram bem tratados, eles tentam provar que ambas as realidades eram verdadeiras. Entretanto, uma reconstrução histórica real (Summers, 2015) pode ser usada como contra-argumento para desnudar tais falácias filosóficas. Tal contra-argumento pode ser consubstanciado de diferentes formas. Uma delas é pela narrativa sequencial que pode atingir efetivamente um grande público infanto-juvenil. É importante que os leitores butlerianos consigam se sentir infamiliars frente às variadas práticas escravocratas.

Figura 2 - A violência racista



Fonte: Kindred (Duffy; Jennings, 2017, p. 195).

A influência corruptora do poder é provavelmente um dos temas mais conspícuos na adaptação sequencial *Kindred* (2017). Com a sua principal personificação, há Rufus. A interseccionalidade do seu cisgênero heterossexual e da sua raça dominante já lhe traz grande status autoritário perante os outros personagens deuteragonistas. Embora ele apresente momentos de compaixão e empatia com os escravos Alice e Nigel, ao se tornar o principal dono deles, Rufus passa a acreditar na sua superioridade eugênica sobre os demais. Por conseguinte, ele ainda tenta constantemente controlá-los, diversas vezes em vão.

No que lhe concerne, o discurso corruptor é um subproduto do mau uso do poder. De acordo com Foucault (2004), esse tipo de discurso apresenta um jogo de significações que devem ser descontinuadas. Caso contrário, elas irão resultar em uma série de decisões venais. Essas decisões são provenientes muitas vezes de um medo infundado. No caso específico de Rufus, ele possui poder, mas se encontra em número menor frente aos seus escravos. Tal desvantagem numérica lhe causa extrema apreensão e ataques furiosos. Caso os seus desejos não sejam realizados, ele tende a punir violentamente qualquer um que o desafie. Tal violência pode ser verificada na Figura 03 a diante.

Quando Dana tenta explicar a Rufus que as suas intenções eram positivas, ou seja, que ela iria apenas ensinar os outros escravos a ler, ele manda-a entrar dentro de casa. Os cartunistas Duffy e Jennings (2017) adaptam bem os elementos conteudísticos da ficção científica butleriana na narrativa sequencial. Eles mantêm as vestimentas contemporâneas de Dana em um ato de insubordinação. A corriqueira presença dessa vestimenta na época escravocrata corrobora com a existência dos universos paralelos. Na caracterização das feições, eles aplicam linhas cinéticas mais concentradas nos rostos dos escravos para significar aparências mais cansadas e maltratadas. Em comparação, as feições de Dana são mais descansadas e suaves. Não obstante, ao longo da narração, a sua aparência vai se tornando também mais cansada e maltratada.

Adicionalmente, o absolutismo moral de Rufus é constantemente questionado. Quando ele dá um tapa na cara de Dana, o seu rosto é expelido ao lado contrário. A configuração da emanata ilustrando tal tapa expele, de fato, força, mormente, através das linhas cinéticas douradas, mas o movimento reacionário do rosto de Dana rompe efusivamente com o discurso opressor. Os leitores da adaptação sequencial de *Kindred* (2017) podem verificar efetivamente o rompimento do discurso passivo do escravo frente aos seus proprietários na Figura 03.

A descontinuidade subversiva do discurso opressor escravocrata já se encontrava no texto original de Butler em 1979. Ao virar o rosto para o lado contrário, a protagonista Dana se recusa a aceitar a violência infligida de Rufus. É um tipo de reinterpretação histórica (Tucker, 2008). Ao revisitar esse tipo de discurso opressor, a autora desvela facetas bem mais complexas das práticas

escravistas. Os escravos não tinham atitudes simplesmente passivas. As suas atitudes eram bem mais ativas dentro das possibilidades apresentadas. Se Dana revidasse o tapa, ela seria morta. Entretanto, quando Duffy e Jennings (2017) desenharam o seu rosto indo em direção contrária ao tapa, eles mostram a força de Dana frente à extrema violência. É uma recusa à influência corruptora de Rufus.

Figura 3 - O escalonamento violento de Rufus



Fonte: Kindred (Duffy; Jennings, 2017, p. 208).

O processo de chicoteamento servia como um doloroso recurso de dominação dos brancos sobre os negros, principalmente nos estados sulistas dos Estados Unidos da América. Deste modo, ele funcionava como um lembrete penoso e permanente aos escravos da sua suposta inferioridade racial. Tal inferioridade era construída, primeiramente, através do discurso opressor escravocrata. Foucault (2004, p. 45) indaga que “[...] *propor uma verdade ideal como lei do discurso e uma racionalidade imanente como princípio de seu desenvolvimento*”, apenas aprisiona as pessoas em um discurso falso e sem embasamento teórico-prático. Em outras palavras, os discursos opressores são falácias, na medida em que eles seriam enunciados abjurantes que simulam uma certa veracidade. Por um lado, os supremacistas brancos (Windisch *et al.*, 2018) advogam que a escravidão seria uma aporia, pois não haveria uma alternativa laboral na época. Por outro lado, os homens brancos cisgêneros recebiam um valor pelo seu trabalho na mesma época. Isto quer dizer que a escravidão era um discurso criado principalmente para explorar o outro em sua alteridade inescrupulosamente.

Segundamente, o discurso opressor escravocrata adotava artefatos culturais tais como as mordças e as correntes para causar o medo intermitente e infligir intensa dor. Não obstante, esses medos e dores devem ser limitantes para não causar a morte dos escravos, haja vista eles ainda eram

considerados mercadorias frente aos olhos dos seus proprietários. De acordo com Mcneese (2008), a maior parte da afirmação da autoridade branca estadunidense estava no infligir uma dor tão excruciante com os vários métodos de tortura que a mensagem agonizante deveria conseguir reverberar por toda a comunidade negra, não apenas para os escravos.

Por conseguinte, o artefato cultural chicote representa tanto o terror físico quanto o terror psicológico. Em relação à adaptação sequencial *Kindred* (2017), o chicote é somente utilizado pelos personagens cisgêneros brancos. Por sua vez, estes sempre o utilizam como forma de abuso e nunca para a autodefesa. Embora a protagonista Dana venha do futuro, ela não é poupada, pois a sua alteridade é ainda compreendida como inferior. Destarte, ela é também várias vezes chicoteada. Tais passagens narrativas podem ser consideradas como representações da reconciliação histórica. Conforme Bloomfield (2003), a reconciliação apresenta metas e essas metas estão ligadas diretamente a um processo de busca pela cura, pela justiça, pelo perdão e pela verdade. Ao se deparar com as violências do chicote, Dana se encontra em crise e deve tentar reconciliar todas as suas vivências.

As chicoteadas são constantes formas de violência física e psicológica. Quando Dana se depara com as primeiras chicoteadas, ela percebe o quão problemático é a história escravagista estadunidense. A sua primeira reação é fugir. Ao tentar fugir, ela é pega e recebe uma série de chicoteadas, como pode ser verificado na Figura 04 a seguir. Neste momento, os cartunistas Duffy e Jennings (2017) desordenam o discurso da supremacia branca (Windisch *et al.*, 2018) sobre os escravos. Segundo Mcneese (2008), um dos maiores heróis confederados, o General Robert E. Lee, afirmava que os escravos não fugiam, pois não tinham capacidade cognitiva para tal feito. Quando Butler (1979) narra a tentativa de fuga da Dana e, conseqüentemente, a sua falha em conseguir concluir tal feito, a autora não defende que os negros não tinham capacidade cognitiva, mas que todo o sistema escravocrata foi construído para inibir e punir qualquer tentativa de rompimento deste sistema.

Figura 4 - O chicoteamento de Dana



Fonte: *Kindred* ((Duffy; Jennings, 2017, p. 228).

O discurso opressor escravocrata em *Kindred* (2017) abarca uma pletora de signos descritivos. De acordo com Foucault (2004), a apropriada subversão do discurso opressor deve

perpassar por descrições críticas e descrições genealógicas. Deste modo, uma apropriada reconstrução histórica (Summers, 2015) deve utilizar os fatos desvelados para complementar o discurso libertador. Quando Butler (1979) narra o chicoteamento *ipsis litteris*, ela está apenas ordenando os fatos autênticos sobre a escravidão. Ao não excluir a vontade suicida de Dana, ela desvela ainda mais a sua faceta humana, distanciando-a do discurso animalesco proposto pelo General Lee.

Sendo assim, Butler (1979) mina o discurso supremacista branco e busca por uma verdade real. Essa verdade pode resultar em um processo de cura. Vale a pena esclarecer aqui que a cura não é sinônimo de esquecimento. Quando a protagonista Dana reconhece diversas feridas e mazelas escravistas, ela começa a aceitar que a história é um discurso presente, não passado. A partir deste momento, ela passa a tentar se reconciliar com a sua própria história. O processo de reinterpretação, reconstrução e reconciliação histórica é extremamente doloroso como pode ser verificado na sequência dos quadros abaixo:

Figura 5 - O processo de cura, justiça, perdão e verdade



Fonte: Kindred (Duffy; Jennings, 2017, p. 231).

O afrofuturismo está presente ao longo de toda a narrativa da adaptação sequencial de *Kindred* (2017) de forma erística. A autora Butler (1979) utiliza elementos da ficção científica (viagem no tempo, universos paralelos e *unheimlich*) para possibilitar experiências mais intensas à sua protagonista Dana. A cada retorno ao seu próprio universo, ela tenta compreender as experiências vividas. Para atingir tal compreensão, ela deve reinterpretar os fatos experienciados, muitos inefáveis. Tal reinterpretação resulta em uma reconstrução do discurso sobre o seu passado escravista, pois Dana percebe que a história é uma construção discursiva presente e não pretérita. Por conseguinte, a reinterpretação e reconstrução histórica se convertem em uma série de tentativas de se reconciliar, principalmente, com as experiências violentas. A reconciliação histórica não é um apagamento das atrocidades escravocratas, mas um reconhecimento dessas atrocidades. Reconhecer os erros do passado é evitar que eles se repitam.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A adaptação do romance de ficção científica *Kindred* da autora Octavia E. Butler (1979), pelos cartunistas Damian Duffy e John Jennings (2017), trata da interseccionalidade entre gênero, poder e raça. A protagonista, Dana, relata-nos as suas mais variadas experiências e vivências como uma mulher negra no período escravagista do século XIX nos Estados Unidos da América. Com um olhar analítico-contemporâneo aos seus antepassados escravos, olhar consubstanciado por diversas viagens no tempo, ela consegue examinar mais profundamente o papel oprimido dessa mulher frente a um sistema majoritariamente opressor, além de exclusivamente masculino e branco.

Por meio de uma narrativa em primeira pessoa, a protagonista Dana consegue realizar uma revisão etiológica sobre a sua própria ancestralidade e sobre as ancestralidades dos seus consanguíneos. Como resultado, ela entra em crise e promove uma série de reinterpretações, reconstruções e reconciliações históricas. Dentre essas séries de examinações, a mais contundente talvez seja a reconciliação. Entretanto, vale a pena destacar que se reconciliar com o passado, não quer dizer esquecê-lo, mas percebê-lo como eternamente presente.

REFERÊNCIAS

- ASTRADA, Scott, A. Home and Dwelling: Re-Examining Race and Identity Through Octavia Butler's *Kindred* and Paul Beatty's *The Sellout*. *Journal of French and Francophone Philosophy: revue de la philosophie française et de langue française*, Maryland, v. 25, n. 1, p. 105-120, 2017.
- BLOOMFIELD, D. *Reconciliation After Violent Conflict A Handbook*. Handbook Series. Holmberg & Holmberg Design AB: Sweden, 2003.
- BRAYBOY, B. M. Toward a tribal critical race theory in education. *The Urban Review*, 37 (5), 425-446, 2006.
- BUROCCO, Laura. Afrofuturismo e o devir negro do mundo. *Arte & Ensaios*, Rio de Janeiro, RJ, n. 38, p. 49-59, jul. 2019.
- BUTLER, Octavia E. *Kindred*. Boston: Beacon Press, 1979.
- CARTMELL, D. *Adaptations: From Text to Screen, Screen to Text*, London: Routledge, 1999.
- DERRIDA, J. *Grammatology*. London Routledge Press, 2010.
- DONALDSON, E. A contested freedom: The fragile future of Octavia Butler's *Kindred*. In: *English Academy Review: Southern African Journal of English Studies*, 31:2, 94-107, 2014.
- EVANS, C. *Strategies of Deconstruction: Derrida and the Myth of the Voice*. USA: University of Minnesota Press, 2020.
- FIELDER, Tim. *Infinitum: an afrofuturist tale*. New York: Amistad, 2021.
- FOLKE, Carl; CARPENTER, Stephen R.; WALKER, Brian; SCHEFFER, Marten; CHAPIN, Terry; ROCKSTRÖM, Johan. Resilience Thinking: integrating resilience, adaptability and transformability. *Ecology and Society*, Dedham, MA, v. 15, n. 4, 2010. Disponível em: <http://www.ecologyandsociety.org/vol15/iss4/art20/>. Acesso em: 16 jan. 2024.

- FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*. Goiânia: Universidade Federal de Goiás, 2004.
- FREUD, Sigmund. O estranho (1919). In: FREUD, Sigmund. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Tradução de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 2020. v. 17.
- FREUD, Sigmund. O estranho (1919). In: Sigmund. Freud. *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Jayme Salomão, Trad.). Rio de Janeiro, RJ: Imago. (Obra originalmente publicada em 1919), 2020.
- GODDARD, Stacie E. Embedded revisionism: networks, institutions, and challenges to world order. *International Organization*, Cambridge, Mass, v. 72, n. 4, p. 763–797, 2018.
DOI:10.1017/S0020818318000206
- HAWKING, Stephen. *Uma breve história do tempo*. Rio de Janeiro: Editora Intrínseca, 2015.
- HOFSTEDE, Geert. *Culture and organizations: software and the mind*. New York: McGraw-Hill Companies, 2007.
- JEMISIN, Nora Keita. *Far sector*. New York, DC: Comics, 2021.
- JENNINGS, John; DUFFY, Damian. *Kindred: a graphic novel adaptation*. New York, NY: Abrams Comicarts, 2017.
- MCNEESE, Tim. *The civil rights movement: striving for justice*. New York: Infobase Publishing, 2008.
- SAID, Edward. *Orientalism*. New York: Vintage Books, 2010.
- SIMMEL, George. *Conflict and the web of group affiliations*. Tradução de Kurt H. Wolff and Reinhard Bendix. New York: Simon and Schuster, 2010.
- SUMMERS, Mark Wahlgren. *The ordeal of the reunion: a new history of reconstruction*. Chapel Hill: University of North Carolina Press, 2015.
- TEGMARK, Max. *Our mathematical universe: my quest for the ultimate nature of reality*. New York: Random House, 2014.
- THOMAS, Chris D. *Inheritors of the earth*. How nature is thriving in an age of extinction. London: Allen Lane, 2017.
- TUCKER, Aviezer. *Historiographic revision and revisionism*. Budapest: Central European University Press, 2008.
- WIGGS, Kimber L. The trouble: family, genre, and hybridity in Octavia Butler's *Kindred*. *Mosaic: an Interdisciplinary Critical Journal*, Winnipeg, CA, v. 54, n. 1, p. 129-145, 2021.
- WINDISCH, Steven; SIMI, Pete; BLEE, Kathleen; DEMICHELE, Mattew. *Understanding the micro- situational dynamics of white supremacist violence in the United States*. New York: Routledge, 2018.
- YOUNG, Iris Marion. *Global challenges: war, self-determination and responsibility for justice*. Cambridge: Polity Press, 2007. ISBN:9780745638355, 074563835X